

AQUARELAS

I

OS FANQUEIROS LITERÁRIOS

Não é isto uma sátira em prosa. Esboço ligeiro apanhado nas projeções subtis dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco de prosador novato – fanqueiro literário.

A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda a ondulações das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufactora do talento – apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vazar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.

A fancaria literária poderá perder pela elegância suspeita da roupa feita – mas nunca pela exiguidade dos gêneros. Tomando a tabuleta por base do silogismo comercial é infalível chegar logo à preposição menor, que é a prateleira guapamente atacada a fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas.

É um lindo comércio. Desde José Daniel o apóstolo da classe – esse modo de vida tem alargado a sua esfera – e, por mal de pecados, não promete ficar aqui.

O fanqueiro literário é um tipo curioso.

Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente à autópsia. Adelo ambulante da inteligência, ia *farto como um ovo*, de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias. Não se cultivava impunemente aquela amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Farsália hebdomadária das bolsas mal-avisadas.

A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco airozas, levava o atrevimento ao ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa para uma certa ilha; a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. É positiva a aplicação.

Os fanqueiros modernos não vão à feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A

vereda é outra; explora-se as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes chovem em louvor deste natalício ou daqueles desposórios. Nos desposórios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitólio.

Desposório, natalício ou batizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração às musas fanqueiras. É um eterno *genesis* a referver por todas aquelas almas (*almas!*) recedentes de zuarte.

Entretanto esta calamidade literária não é tão dura para uma parte da sociedade. Há quem se julgue motivo de cuidados no Pindo – assim com pretensões a semideus da antiguidade; e um soneto ou uma alocução retheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça – sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam – sem tom nem som.

Mas entretanto – fatalidade! – por muito consistentes que sejam essas ilusões caem sempre diante das consequências pecuniárias; o fanqueiro literário justifica plenamente o verso do poeta; *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*. O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar.

Querendo imitar os espíritos sérios lembra-se ele de colecionar os seus disparates e ei-lo que vai de carrinho e almanaque na mão – em busca de notabilidades sociais. Ninguém se nega a um homem que lhe sobe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos lábios. Chovem-lhe assim as assinaturas. O livrinho se prontifica e sai a lume. A teoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução, os nomes das vítimas subscritoras vêm sempre em ar de escárnio no pelourinho de uma lista-epílogo. É sobre queda couce.

Mas tudo isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo livrarias!

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente – nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água.

Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu pudor moral. Mas cá as espera o fanqueiro; nada! o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onnipotente.

É de desesperar de todas as ilusões!

Em Paris onde esta classe é numerosa há uma especialidade que ataca o teatro. Reúnem-se meia dúzia em um café e aí vão eles de colaboração alinhavar o seu *vaudeville* quotidiano. A esses milagres de faculdade produtiva se devem tantas banalidades que por lá rolam no meio de tanto e tão fino espírito.

Aqui o fanqueiro não tem por ora lugar certo. Divaga como a abelha de flor em flor em busca de seu *mel* e quase sempre, mal ou bem, vai tirando suculento resultado.

Conhece-se o fanqueiro literário entre muitas cabeças pela extrema cortesia. É um *tic*. Não há homem de cabeça mais móbil, e espinha dorsal mais flexível; – cumprimentar para ele é um preceito eterno; e ei-lo que o faz à direita e à esquerda; e cousa natural! sempre lhe cai um freguês nessas cortesias.

O fanqueiro literário tem em si o termômetro das suas alterações financeiras; é a elegância das roupas. Ele vive e trabalha para comer bem e ostentar. Bolsa fluorescente, ei-lo *dandy* apavoneado – mas sem vaidade; lá protesta o chapéu contra uma asserção que se lhe possa fazer nesse sentido.

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra antediluviana. Por mim que não faço mais que reproduzir em aquarelas as formas grotescas e *sui generis* do tipo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação.

Uma última palavra.

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Este moer contínuo do espírito que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência.

Procurem os caracteres sérios abafar esse *estado no estado* que compromete a sua posição e o seu futuro.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]
[*O Espelho*, n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859]
Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,
João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva